

Infância, brinquedos, letramento e aprendizagem em História

Childhood, toys, literacy and learning in History

Roseli C. Silva¹,
Rita de Cássia C. Henriques²

Apresentação

Este relato pretende apresentar e discutir uma experiência pedagógica, fruto da parceria entre o LABEPEH e uma escola da Secretaria Municipal de Ensino de Belo Horizonte (SMED-BH). O LABEPEH (Laboratório de Estudos e Pesquisas em Ensino de História – Centro Pedagógico – Faculdade de Educação, da UFMG/Brasil), criado em 2004, vem desenvolvendo ações que visam ao estreitamento das relações entre ensino, pesquisa e extensão.

O projeto Escolas Parceiras: Integração Extensão, Pesquisa e Ensino na formação de professores de História tem como principal objetivo dar respostas às crescentes demandas por parte de professores da Educação Básica para a realização de ações permanentes junto às instituições escolares. A conjunção de intenções comuns levou este laboratório a propor o estabelecimento de parcerias com escolas da Rede Municipal de Ensino dessa cidade. Assim, foi desenvolvido um projeto entre 2007 e 2009 com duas escolas do Ensino Fundamental de BH: a Escola Municipal Adauto Lúcio Cardoso e a Escola Municipal Profa. Eleonora Pierucetti e contou com o apoio do PEBEXT – Pró-Reitoria de Extensão da UFMG (ProEx). Tais ações foram desenvolvidas em torno de experiências educativas e práticas pedagógicas diferenciadas, em torno de estudos e pesquisas em ensino de História. Por se tratar de uma Pesquisa de Extensão, os documentos referentes a esta parceria, bem como as autorizações dos pais liberando a participação de seus filhos (as) encontram-se arquivados no LABEPEH.

Letramento e História

O texto a seguir refere-se a uma experiência realizada na Escola Municipal Adauto Lúcio Cardoso, sendo desenvolvida com crianças do 1º ciclo de formação (8 a 10 anos de idade), com vistas à

Resumo

O presente relato de experiência está inserido no projeto do LABEPEH Escolas Parceiras: Integração e Extensão, Pesquisa e Ensino na formação de professores de História entre a FaE / Centro Pedagógico da UFMG e escolas da Rede Municipal de Educação de Belo Horizonte. Desenvolvido com crianças entre 8 e 10 anos de idade, o Projeto Pipas tem a infância e a memória como eixos organizadores de uma experiência que pretende discutir as potencialidades entre práticas de ensino/aprendizagem de leitura e escrita e a área de História para o desenvolvimento do letramento. Este relato também pretende refletir sobre a importância da cultura material, momento em que o brinquedo (pipas) assume a condição de "objeto gerador" de experiências e práticas sociais significativas na construção de capacidades/habilidades em leitura e escrita. Referenciadas por conceitos básicos da História (o diálogo passado versus presente, a relação tempo-espço e a percepção da alteridade), "as leituras" da pipa como objeto gerador de conhecimento suscitaram variadas formas de expressão verbal e escrita que incrementaram a aquisição da leitura e da escrita pelas crianças. Ao final, pretende-se fazer alguns apontamentos sobre o letramento e o ensino de História nos anos iniciais da educação básica.

Palavras-chaves: Brinquedo; Infância; História; Letramento

Área Temática: Educação

Linha da Extensão: Metodologias e estratégias de ensino/aprendizagem

¹ Mestre em Educação. Professora de história na Rede Municipal de Educação, Belo Horizonte, Minas Gerais.
E-mail: rosforo@ig.com.br

² Mestre em Educação. Professora de história na Rede Municipal de Educação, Belo Horizonte, Minas Gerais.
E-mail: rcchenriques@gmail.com

formação em serviço de professoras não historiadoras que trabalham com ensino de história nas séries iniciais do Ensino Fundamental. Ao largo destas questões, em janeiro de 2008, a SMED-BH lançou o documento: “Desafios da formação: Proposições curriculares – Ensino Fundamental”, no qual incita os (as) professores (as) a pensarem:

... no ensino de história como um aliado no desenvolvimento das capacidades de leitura e escrita, e acima de tudo, como um estudo que pode ser significativo, envolvente, instigante e capaz de proporcionar bons momentos de descobertas e aprendizado.¹

A centralidade da escrita em diferentes suportes nas culturas contemporâneas aliada à ampliação do número de pessoas que aprenderam a ler e escrever, devido às políticas públicas de universalização do ensino básico no Brasil, trouxeram à tona o fenômeno que no Brasil denominamos analfabetismo funcional. Este se traduz pelo domínio da técnica da leitura e da escrita (limitada à codificação e decodificação de palavras) e ao seu corolário mais cruel: os milhares de brasileiros que, alfabetizados, adquirem pouca competência para os usos sociais da leitura e da escrita em suas variadas formas cotidianas. Na esteira do entendimento de que o conceito de letramento tem uma base fenomenológica, que não é possível determinar o ponto de corte para diferenciar os sujeitos letrados dos alfabetizados nos quesitos leitura e escrita, chega-se ao consenso de que ele é um conceito múltiplo, tendo então que ser pluralizado numa tentativa de dar conta de suas inúmeras manifestações sociais. Esta multiplicidade, entendida muitas vezes como imprecisão vem do fato de que;

O letramento cobre uma vasta gama de conhecimentos, habilidades, capacidades, valores, usos e funções sociais[...] sutilezas e complexidades difíceis de serem contempladas em uma única definição.²

Partindo desse pressuposto e reconhecendo que os alunos das classes menos favorecidas apresentam, muitas vezes, dificuldades não necessariamente ligadas aos conteúdos específicos das disciplinas, mas à exposição escrita das temáticas avaliadas, vem se discutindo o quão fundamental é o papel da leitura e da escrita no ensino-aprendizagem nas diferentes áreas do conhecimento.

Com relação ao ensino de História, Seffner³ afirma que “não dá para imaginar a área de história sem atividades específicas de leitura e escrita”. Segundo o autor, a escrita é algo tão importante na história que, para alguns, só existe história quando

existe escrita. Além disso, a história é “uma determinada leitura do real, feita com a utilização de um conjunto de procedimentos e informações que orientam e validam a produção do conhecimento histórico”. Para esse autor, um dos objetivos do ensino de história deve ser o de “formar um aluno capaz de realizar uma leitura histórica densa do mundo, percebendo a realidade social como construção histórica da humanidade, obra na qual todos têm participação, de forma consciente ou não”.⁴ Mas para que essa leitura do mundo se faça, é imprescindível que a leitura da palavra aconteça; daí ser papel também do professor de história exercitar a leitura e a escrita em suas aulas.

Lendo os objetos, relendo a vida: a geração de novos significados

A perspectiva do desenvolvimento de um conjunto de ações docentes, coordenadas, em torno de um fio condutor comum, que fosse significativo e envolvente para as crianças dessa escola, fez com que a infância fosse adotada como a grande temática a ser abordada pelo 1º ciclo de formação. No caso específico do ensino de história, este tema propiciaria uma introdução à percepção da historicidade presente nos variados aspectos da vida social.

A ideia de infância moderna como momento da imaginação, da fantasia, da criação e principalmente da brincadeira, entendida como experiência cultural e como um tempo marcado pelas experiências com o brincar, que entrecruzam diferentes tempos e lugares, passado, presente e futuro, e ainda, marcada por continuidades e mudanças, nos ajuda a reconhecer e compreender o brincar como um momento de apropriação e constituição, pelas crianças, de conhecimentos e habilidades relacionadas a aspectos como linguagem, cognição e valores.⁵ Essas premissas ajudaram na concepção do Projeto Pipas – momento em que procuramos explorar a pipa como objeto gerador de uma prática significativa no objetivo de problematizar o cotidiano das crianças e as relações desse brinquedo com outros tempos e espaços.

Por envolver complexos processos de articulação entre a experiência, a memória, a imaginação e o conhecimento, os brinquedos podem ser vistos a partir da ótica do objeto como gerador de conhecimento. Mas, por se tratarem de objetos culturais que possuem várias cascas simbólicas, faz-se necessário desnaturalizar os brinquedos, exercitando a observação e a leitura da história

que há na materialidade dos mesmos, a partir de uma postura reflexiva e crítica.⁶

Ademais de se constituir como produto de práticas culturais, o brinquedo configura-se como patrimônio cultural “fruto das ações humanas, transmitidas de modo inter e intrageracional, e como forma de ação que cria e transforma significados sobre o mundo”.⁷ Portanto, os significados e os usos do brinquedo como experiência cultural devem ser incorporados em nossas práticas docentes a partir de perspectivas que promovam descobertas, ressignificações e transgressões com o objetivo de produzir novas leituras pautadas na dimensão material do objeto. Sendo assim, a comparação entre brinquedos do presente e do passado revela-se como um profícuo caminho para trabalhar com a noção de historicidade. Dentre esses objetos, destacamos a pipa.

Com isso, reiteramos que cabe à área da história uma enorme colaboração nessa tarefa. Os professores precisam, pois, estar comprometidos tanto em atingir objetivos que são próprios dessa disciplina, como, por exemplo, o domínio das noções temporais e dos conceitos históricos, quanto com o desenvolvimento da leitura e da escrita.

Do brinquedo à brincadeira: construção de narrativas

A realização das Olimpíadas de Pequim, em 2008, colocou na mídia a distante e enigmática China. A China é conhecida também por ser o lugar onde se confeccionam enormes pipas, de múltiplas formas, que são exibidas num festival. Em Belo Horizonte, a altitude conforma o forte traço cultural dos usos das pipas, também denominadas “papagaio”. A brincadeira, repetida por muitas gerações, nos permite identificar a historicidade de fenômenos cotidianos e as marcas do passado e do presente que tangenciam esse brinquedo.

De posse de alguns questionamentos, as crianças visitaram o Museu do Brinquedo. Lá elas tiveram a oportunidade de compreender a importância desse espaço como guardião da memória, sem deixar de explorar a sua relação com o lúdico. Essa visita foi seguida de discussões em sala de aula, confecção de desenhos e de um relatório coletivo. Outra experiência interessante foi a oficina de pipas promovida na escola no mês de outubro. Chamamos a atenção das crianças para os aspectos ligados à técnica de produção artesanal, para

os materiais utilizados na confecção desse brinquedo e a sua relação com o meio ambiente.

O letramento se refere a uma multiplicidade de habilidades de leitura e de escrita voltadas para uma vasta variedade de materiais de leitura, sendo assim, o ato de leitura desse brinquedo foi enriquecido por uma sequência didática pautada por uma ampla gama de gêneros textuais. A seleção desse material foi norteada pela geração de práticas sociais significativas a partir das necessidades de leitura e escrita ligadas às aprendizagens escolares, visando à construção de um gênero que se aproximasse da narrativa histórica. Quando perguntados sobre o que aprenderam sobre a história da pipa, alguns alunos responderam:

Eu aprendi que a pipa existe desde antes de Jesus e também que as pipas são um meio-de-comunicação e também não pode usar cerol na linha, pois eu uso cerol na linha. (R.R., 9 anos).

Eu aprendi que o papagaio veio da China e só os meninos ricos podiam brincar. Ninguém sabe quem empinou a primeira pipa, mas um cientista grego, há pelo menos 1000 anos antes de Cristo, já brincava de ‘soltar pipa’. (G.M.S., 9 anos).

Por meio da problematização dos usos e modos de produção da pipa, pudemos exercitar atos de leitura desse brinquedo e observar a história que há na materialidade deste objeto, que na antiguidade já foi usado como meio de comunicação e no Brasil possui diferentes nomes de acordo com cada região. Nos dizeres de Ramos,⁸ fomos aprendendo a “refletir a partir da cultura material em sua dimensão de experiência socialmente engendrada”.

Das atividades com o objeto gerador, o trabalho evoluiu para os depoimentos orais sobre o brincar em diferentes tempos e espaços. Para tanto, promovemos um encontro na escola em que os avós foram convidados para relatar sobre as suas memórias com o brincar e suas experiências com a pipa. Essa atividade recebeu o nome de “Manhã com os avós”.

Nesse momento, pudemos perceber como a linguagem e a interação, mediadoras da ação humana, são fundamentais para o processo de construção do conhecimento sobre o outro e o tempo passado, haja vista que a palavra, no momento em que é pronunciada, recupera percursos, transpõe tempo e espaço e se integra às tradições. A experiência com a oficina de pipas foi entrecruzada *a posteriori* com os relatos de Dona S.:

O papagaio era feito de bambu. O bambu era bem afinadinho. Aí vinha e fazia todo um es-

queleto primeiro, depois vinha com a seda e colava. A gente usava muito o grude de farinha de trigo. Se não tinha, a gente fazia de farinha de mandioca mesmo e às vezes a gente até roubava arroz cozido na panela pra poder colar. O esqueleto era feito com as taquaras bem afinadas de bambu e com linha de costura, o grude e a seda. Quem fazia o papagaio, era geralmente os meninos mais velhos. Mas eu também arriscava fazer umas... Eu andei fazendo algumas também (Depoimento de Dona S.L., 05/11/2008).

Dessa tessitura pautada na dinâmica do entrecruzamento de tempos não homogêneos, as crianças foram capazes de elencar uma série de marcas do passado ainda presentes em um brinquedo de longa duração, que foi sendo transformado ao longo do tempo.

Esta foi nossa parcela de contribuição para o letramento em ensino de História, trabalhando com crianças do Ensino Básico, tematizando a infância em sua manifestação mais explícita: brinquedos e brincadeiras típicas das crianças que se socializam nas ruas, nos bairros populares, onde elas mesmas confeccionam suas pipas, com a técnica que aprendem e desenvolvem a partir da memória e da oralidade dos mais velhos.

Alguns apontamentos

Sabendo que muitas professoras (es) se veem sem tempo para refletir e buscar novas formas de aprender e ensinar os diversos conhecimentos a partir da perspectiva do letramento, procuramos discutir as potencialidades da História como coadjuvante no desenvolvimento das habilidades de leitura e escrita, tendo em vista que ler e escrever se constitui em um compromisso de todas as áreas.⁹

Mas, os descompassos entre as expectativas da SMED-BH com relação às avaliações sistêmicas (que impuseram maior dedicação às questões específicas da Língua Portuguesa) e a proposta de capacitação docente na área da História, afetaram profundamente os encontros, pois as demandas da política oficial se fizeram mais fortes, deslocando datas e pessoas das nossas reuniões.

Para a História, que visa à iniciação à leitura da própria vida num universo sócio histórico e cultural, a falta desse discernimento pode gerar consequências graves, uma vez que a ausência da experiência temporal pode incorrer no iminente apagamento das marcas do passado e com isso, corremos o risco de não entendermos o que éramos, o que somos e o que poderemos ser.⁶

Referências

1. PREFEITURA MUNICIPAL DE BELO HORIZONTE. **Desafios da formação. Proposta curricular, ensino fundamental, 1º ciclo.** Disponível em: http://portalpbh.pbh.gov.br/pbh/ecp/comunidade.do?evento=portallet&pIdPlc=ecpTaxonomiaMenuPortal&app=educacao&tax=8489&lang=pt_BR&pg=5564&taxp=0 Acesso em: 31 agosto, 2008, p.128.
2. SOARES, Magda. **Letramento – um tema em três gêneros.** BH :Autêntica, 2006. p.66. 128 páginas
3. SEFFNER, Fernando. Leitura e escrita na História. In: NEVES, I.C.B.; GUEDES, P.C.; KLÜSENER, R.; SCHÄFFER, N.O. ; SOUZA, J.V.(Org). **Ler e escrever: Compromisso de todas as áreas.** Porto Alegre: UFRGS Editora, 2006 p.108.
4. _____ In: NEVES, I.C.B.; GUEDES, P.C.; KLÜSENER, R.; SCHÄFFER, N.O. ; SOUZA, J.V.(Org). **Ler e escrever: Compromisso de todas as áreas.** Porto Alegre: UFRGS Editora, 2006 p.109.
5. KRAMER, Sônia. Pesquisando infância e educação: um encontro com Walter Benjamin. In: KRAMER, S. & LEITE, M.I. (Org.). **Infância: fios e desafios da pesquisa.** Campinas: Papirus, 2007. p.13-38.
6. RAMOS, F. R. L. **A danação do objeto: O museu no ensino de história.** Chapecó: Argos, 2004. 178 p.
7. BORBA, A. M. **O brincar como um modo de ser e estar no mundo. Ensino Fundamental de nove anos: orientações para a inclusão da criança de seis anos de idade.** Brasília: FNDE/Estação Gráfica, 2009, p.39.
8. RAMOS, F. R. L. **A danação do objeto: O museu no ensino de história.** Chapecó: Argos, 2004. p.38.138p.
9. NEVES, I.C.B.; GUEDES, P.C.; KLÜSENER, R.; SCHÄFFER, N.O. ; SOUZA, J.V (org). **Ler e escrever: Compromisso de todas as áreas.** Porto Alegre: UFRGS Editora, 2006. 240 p.

Abstract

This experience report is included in the LABEPEH project Partner Schools: Integration and Extension, Research and Education in training History professors, in partnership with FaE / Pedagogical Center of the Federal University of Minas Gerais (UFMG) and the Municipal schools of Belo Horizonte. Pipas Project, featuring children between 8 and 10 years old, has childhood and memory as organizer axis for an experience intended to discuss the powers between reading and writing teaching/learning practices and the History field for literacy. This report aims to analyze the relevance of the material culture, when the toy (kites) becomes the "generating object" for important experiences and social practices for building reading and writing capacities/abilities. Referenced in basic History concepts – past vs. present dialogue, time-space ratio and alterity awareness – "reading" the kite as a knowledge generation object delivered many oral and written expression means, which enhanced reading and writing capacity building in children. The conclusion includes a discussion on literacy and the History teaching in the early years of basic education.

Keywords: Toy; Childhood; History; Literacy